

A MULHER NEGRA EM *AMERICANAH*: NÍVEIS DE SUBALTERNIDADE NOS EUA DO SÉCULO XXI

Luana Caetano Thibes*
Isaías Francisco de Carvalho*

Resumo: o artigo tem por objetivo delimitar e refletir sobre os possíveis níveis de representação de subalternidade feminina no romance *Americanah* (2013), da nigeriana Chimamanda Adichie. Apresenta a obra como fonte de questionamentos raciais e feministas, por meio de observações sobre o lugar da mulher negra na sociedade norte-americana. O trabalho traz como aporte teórico a teorização de Gayatri Spivak (1994), quanto ao lugar de fala do subalterno, além das reflexões de Chakrabarty (2000), acerca do campo dos estudos subalternos, e a voz de Fanon (1967), que aborda questões concernentes à negritude. À guisa de conclusão, observamos, nessa representação literária, que há uma subdivisão de classes, em que a mulher, já em condição subalterna, pode ser considerada mais ou menos oprimida pela sociedade contemporânea, dependendo do número de categorias de grupos minoritários em que se posicione.

Palavras-chave: mulher negra; Chimamanda Adichie; negritude; estudos subalternos.

THE BLACK WOMAN IN *AMERICANAH*: SUBALTERNITY LEVELS IN THE 21ST CENTURY USA

Abstract: this paper aims to discuss possible female subalternity representation levels in *Americanah* (2013), novel by the Nigerian writer Chimamanda Adichie. We present this literary work as a source of racial and feminist questioning, through observations about black women's place in American society. The study is based on theories by Gayatri Spivak (1994) concerning the subaltern's locus of speech, besides Chakrabarty's (2000) reflections on the subaltern studies field, and Fanon's (1967) voice, as he addresses issues about blackness. For the sake of conclusion, we advocate that there is a subdivision of classes, in which women, already in a subaltern condition, can be considered more or less oppressed by contemporary society, depending on the number of minority group categories they fit in.

Keywords: black women; Chimamanda Adichie; blackness; subaltern studies.

Introdução

Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse contexto.

* Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

* Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Professor de Literaturas Anglófonas e de Língua Inglesa, vinculado aos programas de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.

Gayatri Spivak; *Can the subaltern speak?*

A condição de subalternidade é vivida por aqueles que são subordinados e inferiorizados em relação aos outros e, dadas as divisões de classes sociais, fazem parte de níveis mais baixos, sendo excluídos dos âmbitos de representação política e legal, além da perspectiva de participação plena no status social dominante. Partindo desse argumento, podem ser observados diferentes níveis de subalternidade na representação de personagens negras no romance *Americanah* (2013), da jovem escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

De acordo com Chakrabarty (2000), por anos se falou em estudos subalternos ignorando questões de gênero, até que Spivak, em seu ensaio *Deconstructing Historiography* (1988), atentou para a necessidade de levantar essa discussão nos próximos trabalhos. Os estudiosos da área têm desde então tentado levar esse apontamento em conta, o que é de extrema importância para uma sociedade em que o feminismo vem ganhando cada vez mais força e as mulheres se fazem ser ouvidas, mesmo de sua insistente posição de subalterna em relação ao homem e às representações falocêntricas consolidadas ao longo da história humana.

Por sua vez, Spivak (1994) afirma que, ao invés de pensar na noção de subalternidade delimitada pelo imperialismo, deve-se pensar na noção de feminino, que foi utilizada por variedades da crítica feminista. Nesse caso, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser construída pelas próprias mulheres, quando diferenças étnicas e classe social se agrupam sob essa relação. Em outras palavras, o local de subalternidade ocupado pela mulher – duplamente, no caso da mulher negra, e triplamente, pela mulher negra e pobre – a silencia. Assim, os estudos subalternos devem levar em conta essa realidade, evidenciando-a em busca de mudanças.

Essas transformações nos arranjos e símbolos sociais já há algum tempo podem ser notadas nas representações culturais, políticas e literárias em nível internacional. Destacamos o trabalho de Adichie, escritora negra, com obras traduzidas para mais de trinta idiomas, vencedora de inúmeros prêmios e que, enquanto beneficiária de uma *MacArthur Foundation Fellowship*, demonstra certa necessidade de se afirmar a partir dos métodos do dominador, ao mesmo tempo que se preocupa em construir personagens negras que têm voz ativa e relevante em suas narrativas. Esse é o caso de Ifemelu, estudante nigeriana que sempre mostrou ter pensamentos questionadores quanto a seu

lugar na sociedade em seu país e, posteriormente, na norte-americana. O romance inteiro é baseado nas observações feitas pela protagonista, que acaba transformando suas reflexões em um blog com o nome de “Observações Diversas sobre Negros Americanos (Antigamente Conhecidos como Crioulos) Feitas por uma Negra Não Americana”.

O blog, que ganha certa visibilidade ao longo da narrativa, mostra que os esforços para que a mulher negra tivesse voz deram fruto, já que as opiniões de Ifemelu – assim como as de Adichie na posição de autora bem sucedida – são ouvidas e levadas em consideração. É o que fazemos neste trabalho, o qual tem como objetivo discorrer sobre os estudos subalternos, a questão da negritude e o papel da mulher negra na sociedade norte-americana do século XXI, além de caracterizar níveis de subalternidade com base na análise de excertos de *Americanah*, apresentado como fonte de questionamentos raciais e feministas. Optamos por explorar esses temas levantados por Adichie, primeiramente, por ser mulher um(a) dos(as) pesquisadores(as) que assinam este exercício crítico-analítico, tendo ciência de muitas das dificuldades colocadas às mulheres representadas na obra. Em segundo lugar, procuramos nos colocar, na medida do possível, no lugar do outro ao fazer observações quanto a questões de negritude, uma vez que somos ambos(as) pesquisadores(as) brancos(as) ou quase brancos(as).

Nossa tarefa foi realizada com base na interação de diversas mulheres, representadas em *Americanah*, em um salão de beleza especializado em penteados para negras, que, nas conversas paralelas, demonstram relações de poder e submissão. Mantemos em vista que todas são submetidas à condição de subalternidade, mas observamos que, na qualidade de subalternas, elas se organizam em níveis diferenciados, subjugando umas as outras, enquanto são todas subjugadas pelo imaginário *WASP* (*White, Anglo-Saxon and Protestant*) hegemônico norte-americano. Os estudos de Spivak (1994) sobre o lugar de fala do subalterno, além dos pensamentos de Chakrabarty (2000) quanto aos estudos subalternos, e da perspectiva de Fanon (1967) quanto à negritude, conformam o aporte teórico central. Ressaltamos que a pesquisa também se inspirou no trabalho de Carvalho (2010) quanto a níveis de subalternidade, com ênfase na mulher negra escrava em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, e de que forma tais estratos se organizam na representação literária.

Subalternidade e negritude em *Americanah*

A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado.*

Frantz Fanon; *Peles negras, máscaras brancas*

Os estudos subalternos surgiram na Índia por volta dos anos de 1970, para se referir aos colonizados pelos grandes impérios ocidentais e dar voz aos considerados inferiores pelo poder hegemônico, proporcionando assim a oportunidade de ouvir diferentes versões da história de progresso dos países colonizados. De acordo com Spivak (1994), devido à violência do imperialismo, tanto social quanto disciplinar, os estudos subalternos têm a necessidade de se voltar para a prática textual que exponha as diferenças. O objeto de estudo se torna o desvio de um ideal, um padrão definido pelo dominador, e as pessoas no lugar de subalternas, que se definem como diferentes da elite que as colonizou. Em suma, perscruta-se o outro – o que não está em conformidade com os padrões ocidentais.

Aqui, propomos a análise do ponto de vista da subalterna, qual a sua versão da história, e como se dão suas relações com outras mulheres em posição de subalternidade. Por serem mulheres. Por serem negras. Por serem estrangeiras. Por seus níveis de escolaridade.

A maior parte da narrativa se passa a partir das lembranças que Ifemelu, imigrante nigeriana com vínculo com a Universidade de Princeton, tem na cadeira de um salão de beleza especializado em penteados negros nos Estados Unidos, esperando para refazer suas tranças. Vale salientar que a questão de assumir o cabelo naturalmente crespo também é levantada no romance, quando mais de uma vez a protagonista contesta a hegemonia ocidental, se perguntando por que o liso é visto como belo enquanto os cabelos enrolados, crespos, “duros” são vistos como feios e fora do padrão. Em um dos *posts* de seu blog, ela usa como exemplo o cabelo da primeira-dama americana – antes da eleição de seu cônjuge, Obama, em 2008 – e de como isso afetaria a campanha de Obama rumo à presidência (a tradução dos textos citados se localizará logo abaixo dos excertos).

Ever notice makeover shows on TV, how the black woman has natural hair (coarse, coily, kinky or curly) in the ugly “before” picture, and in the pretty “after” picture, somebody’s taken a hot piece of metal and singed her hair straight? [...] Imagine if Michelle Obama got tired of

all the heat and decided to go natural and appeared on TV with lots of woolly hair, or tight spirally curls. [...] She would totally rock but poor Obama would certainly lose the independent vote, even the undecided Democrat vote. (ADICHIE, 2013, p. 367-368).

Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? [...] Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? [...] Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos. (ADICHIE, 2014, p. 250).

A aceitação dos cabelos naturais, tão em evidência atualmente, está intimamente ligada à aceitação da identidade negra, também vista como subversiva em relação aos padrões ocidentais que inferiorizam tudo o que não é seu igual. Ao longo da história, a padronização do cabelo liso e da beleza branca proveniente da hegemonia ocidental vem reforçando ideais racistas que defendem que os cabelos crespos, por diversas vezes referidos como “ruins”, não atendem aos parâmetros de beleza pré-definidos pela sociedade e reforçados pela mídia. Essa insinuação abala a autoestima da mulher negra descrita no romance, que cresce sem nenhuma representação midiática, acreditando que sua imagem é inferior à da mulher branca.

Enquanto isso, o branco dominador reforça esse estereótipo ao privilegiar primeiramente o próprio fenótipo branco e, em seguida, o indivíduo que mais se aproximar desse padrão. Isso significa que o cabelo alisado quase sempre terá vantagem em relação aos cabelos naturais crespos e que a negra que opta por abrir mão do arquétipo ocidental decerto enfrentará obstáculos maiores para alcançar sucesso profissional e pessoal. Fanon (1967) considera essa relação do branco com o negro como uma imposição do colonizador *versus* tentativa de provação do colonizado. Ele afirma:

There is a fact: White men consider themselves superior to black men. / There is another fact: Black men want to prove to white men, at all costs, the richness of their thought, the equal value of their intellect. (FANON, 1967, p. 10).

É um fato: Brancos se consideram superiores aos negros. / Mas também é um fato: alguns negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito. (FANON, 2008, p. 27).

O negro tenta o tempo todo se igualar ao branco, provar seu valor que lhe foi tirado quando lhe disseram que os padrões de beleza, inteligência e cultura aceitáveis eram os do homem branco. Isso fez com que os negros corressem para alisar seus cabelos, clarear suas peles, afinar seus narizes, na tentativa de se igualar ao arquétipo imposto. E o que vemos hoje, com a ampliação dos estudos pós-coloniais que dão voz ao subalterno, é o caminho inverso sendo feito, aos poucos, de forma a quebrar os paradigmas em curso. Nesse quadro, o cabelo crespo é acolhido como símbolo da resistência negra, à medida que a mulher negra se aceita enquanto descendente africana e assume seus traços originais. Nessa ocasião, o cabelo – que ainda tem um papel tão importante na relação da mulher com a vaidade – age como fortalecedor da negritude e assume conduta significativa na luta contra o racismo.

Essa noção de resistência surge quando o negro, tão gasto com os esforços de se adaptar a uma cultura que não é a sua, reflete sobre sua condição subalterna e não encontra motivos plausíveis para sua inferiorização em relação ao branco. Como vemos a seguir, com a mudança de pensamento de um negro:

The white man was wrong, I was not a primitive, not even a half-man, I belonged to a race that had already been working in gold and silver two thousand years ago. (FANON, 1967, p. 130).

O branco estava enganado, eu não era um primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata. (FANON, 2008, p. 119).

Essa passagem ilustra o que os livros de História deixam de lado: o negro – que só aparece na História canônica depois da colonização europeia – já estava em posição cultural elevada, lidando com ouro e prata, cultivando sua terra, adorando seus deuses e seguindo seus dogmas. Ifemelu parece seguir esse caminho de entendimento e aceitação quando resolve assumir seus cabelos e seu sotaque nigeriano, se afastando do que os norte-americanos consideram como parâmetro. A partir desse momento, notamos uma grande diferença na forma que a personagem encara a caracterização do racismo no país, como se ela abrisse os olhos para a forma com que é tratada por brancos e, até mesmo, por negros, e se tornasse mais engajada.

Ao longo de sua interação com as mulheres que trabalham no salão de beleza, podemos notar a maior diversidade cultural descrita no livro. Elas são de diferentes países africanos, mas, quando chegam aos EUA, são automaticamente “classificadas” pela sociedade como “africanas”, perdendo sua nacionalidade.

‘Onde ela mora?’
‘Na África’
‘Onde? No Senegal?’
‘No Benim.’
‘Por que você diz que ela mora na África em vez de dizer o país?’,
perguntou Ifemelu.
Aisha deu uma risadinha. ‘Você não conhece os Estados Unidos. Você
fala em Senegal para os americanos e eles dizem “Onde fica isso?”
Minha amiga de Burkina Fasso, eles perguntam para ela ‘Seu país é na
América Latina?’ (ADICHIE, 2014, p. 17, tradução nossa).¹

Observa-se que as africanas já passaram diversas vezes pela situação de conversar com algum americano que não tinha conhecimento sequer dos países africanos, e elas procuram economizar tempo indo direto ao ponto e dizendo que são da África, tendo consciência de que para os americanos não faz diferença se elas são senegalesas, ganesas ou nigerianas. Esse argumento expõe a inferiorização dos africanos aqui representados, que percebem que os cidadãos do país que eles optaram por viver não têm interesse o suficiente pela cultura do outro, e aglomeram diversas culturas em um único estereótipo de “imigrante negro”.

Essa concepção do negro unicamente como africano e não como um indivíduo que veio de um país específico – que por vezes nem se encontra na África – data dos tempos da escravidão, quando legiões de africanos eram transportadas em navios negreiros para o Novo Mundo, onde eles inicialmente não sabiam se comunicar nem com seus senhores e por vezes nem entre eles mesmos, visto que eram de tribos diferentes. Essa página lastimável da história mundial fez com que muitos africanos perdessem sua identidade, e o dominador ocidental também não teve interesse em preservar as raízes dos que ele acreditava que haviam nascido para ser inferiorizados e escravizados. Até hoje pouco atenção se presta aos antecedentes do negro, que continua ocupando sua posição inferiorizada na sociedade.

Ao prosseguir com a análise da interação entre as negras no salão de beleza que serve como pano de fundo para a ilustração das relações entre personagens, nos deparamos com mulheres de diferentes países e, devido às horas que Ifemelu tem que

¹ ‘Where is she?’

‘In Africa’

‘Where? In Senegal?’

‘Benin’

‘Why do you say Africa instead of just saying the country you mean?’ Ifemelu asked.

Aisha clucked. ‘You don’t know America. You say Senegal and American people, they say, Where is that? My friend from Burkina Faso, they ask her, your country in Latin America?’ (ADICHIE, 2013, p. 18).

passar para trançar os cabelos, a protagonista pôde presenciar a conversa de muitas delas, pensando em quanto material ela teria para o blog, se ainda o escrevesse. Suas observações curiosas – que recebem essa definição devido ao primeiro nome do blog de Ifemelu, “Raceteenth, ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos” – levantam questões como o esforço das africanas de se aproximar ao máximo das afro-americanas, por vezes se tornando incompreensíveis.

As conversas eram barulhentas e rápidas, em francês, wolof ou mandingo, e quando elas falavam inglês com os clientes era um inglês engraçado e cheio de erros, como se não tivessem se acostumado bem com a língua antes de assumir as gírias dos americanos. As palavras saíam pela metade. Certa vez, na Filadélfia, uma cabeleireira guineana dissera a Ifemelu: ‘Ô tarra, tip si, mutput’. Ela precisou repetir várias vezes antes que Ifemelu compreendesse que queria dizer: ‘Eu tava, tipo assim, muito puta’. (ADICHIE, 2014, p. 11, tradução nossa).²

Esse esforço demonstrado pelas estrangeiras representadas em *Americanah* é sinal de uma hierarquia na divisão subalterna, em que, apesar de as negras afro-americanas serem consideradas inferiores por serem negras e mulheres, as africanas são caracterizadas subalternas três vezes, por além de tudo serem estrangeiras. Essa forma de falar visando imitar as gírias norte-americanas mostra uma tentativa de aproximação da cultura dominante para serem aceitas. Tal sistematização de níveis subalternos é representada por Adichie quando narra as mulheres negras interagindo entre si, e de que forma essas relações se dão.

Níveis de subalternidade

'Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido.'

Chimamanda Ngozi Adichie; *Americanah*

Em *Americanah* podemos dividir as representações de níveis de subalternidade das personagens negras em pelo menos quatro categorias:

² *The conversations were loud and swift, in French or Wolof or Malink, and when they spoke English to customers, it was broken, curious, as though they had no quite eased into the language itself before taking on a slangy Americanism. Words came out half-completed. Once a Guinean braider in Philadelphia had told Ifemelu, ‘Amma like, Oh Gad, Azsomeh.’ It took many repetitions for Ifemelu to understand that the woman was saying. ‘I’m like, Oh God, I was so mad.’ (ADICHIE, 2013, p. 11).*

- a) Afro-americanas com formação acadêmica – são americanas de nascimento, e têm conhecimento acadêmico o suficiente para terem suas opiniões levadas em consideração;
- b) Africanas com formação acadêmica – apesar de serem reconhecidas enquanto intelectuais, nasceram em meio a culturas consideradas por muitos como exóticas e primitivas;
- c) Afro-americanas com menor escolaridade – são consideradas inferiores por serem mulheres, negras e sem estudo, mas não estão na base da subalternidade, pois nasceram em território americano e entendem plenamente os costumes do país;
- d) Africanas com menor escolaridade – são mulheres, negras, sem estudo e não entendem plenamente os costumes do país. São vistas como exóticas, primitivas e incompreensíveis.

Vale lembrar que essa lista, organizada como sendo a categoria A menos subalterna enquanto a D é a mais subalterna de todas, representa quatro grupos de mulheres negras. Logo, todas são consideradas subalternas e passam por situações em que são inferiorizadas, em outros contextos da sociedade americana. Seus “defeitos” se acumulam, partindo da dupla subalternidade (mulher e negra) e chegando à quádrupla (mulher, negra, sem estudos e “africana”). Esse estudo de diversas maneiras em que alguém pode ser inferiorizado já foi desenvolvido por Carvalho (2010) – que atualiza o trabalho de Spivak (1994). Nesse sentido, esta pesquisa se insere numa sequência de atualizações sobre o tema, considerando também que

É importante acrescentar que não estou tratando de gênero ou raça especificamente, mas da combinação desses e outros elementos que podem delimitar níveis de subalternidade. Assim, Vevé – esse ‘nada, nada, nada’ (RIBEIRO, 1984, p. 141) – não está marcada apenas triplamente em sua condição de subalterna, mas de quatro maneiras: ela é pobre, negra, mulher e escrava. Talvez seja esse o nível mais baixo em uma hipotética pirâmide de subalternidade [...] (CARVALHO, 2010, p. 129-130).

Desse modo, a combinação de elementos pode delimitar os níveis de subalternidade, como é o caso de Aisha, do Senegal, que é mulher, negra, sem estudos e africana. Não domina a língua inglesa perfeitamente, procura um bom casamento e trabalha trançando os cabelos de outras representantes negras. Aisha estaria na base da pirâmide hipotética sugerida por Carvalho, pois apesar de não viver em regime de

escravidão, é vista como submissa mesmo por outras pessoas em regime de subalternidade e, mesmo Ifemelu, mulher e negra, não a vê como igual.

‘Moro em Princeton.’

‘Princeton.’ Aisha ficou em silêncio por um segundo. ‘Você é estudante?’

‘Eu tinha uma bolsa até pouco tempo atrás’, disse Ifemelu, sabendo que Aisha não ia saber o que era uma bolsa. Naquele raro momento em que a mulher pareceu intimidada, Ifemelu sentiu um prazer perverso. Sim, Princeton. (ADICHIE, 2014, p. 17).³

Durante sua interação com as mulheres do salão, Ifemelu se sente superior por ter formação universitária. Ela estereotipa Aisha e Mariama muitas vezes por não dominarem completamente a língua inglesa, e chega a parecer que Ifemelu as acha caricatas, por cederem à pressão da vida de imigrantes. Ifemelu, assim como a cultura à que as jovens cabeleireiras se submeteram, ignora os antecedentes das africanas. Ela não pensa que em seus países de origem essas mulheres podem ter uma vida totalmente diferente, com uma posição de prestígio e a par dos costumes reproduzidos por suas comunidades. A única coisa que a personagem enxerga é a posição subalternizada em que as cabeleireiras se encontram.

Essa postura de Ifemelu pode ser interpretada como um mecanismo de defesa, visto que ela se vê inferior por ser uma negra africana apenas quando se muda para os Estados Unidos, e dialogar com outras mulheres que têm conhecimento menor que o dela a faz voltar à sua posição de alguém digna de ser ouvida e levada em consideração. Além disso, a protagonista pôde se enxergar em Aisha e Mariama, já que assim que se mudou para a América, se preocupou em reproduzir os costumes e o sotaque americano, para que fosse aceita, assim como as cabeleireiras. Logo, sua decisão de abraçar suas raízes africanas a faz crer que ela tem uma percepção quanto à cultura norte-americana maior que a de Aisha e Mariama.

Enquanto isso, quando uma cliente afro-americana entra no salão, ela também se coloca em posição superior às africanas que trabalham lá. Durante seu atendimento, ela fala de forma alta e pausada, supondo que as africanas não entendem sua língua.

³ *‘I live in Princeton.’*

‘Princeton.’ Aisha paused. ‘You student?’

‘I’ve just finished a fellowship.’ She said, knowing that Aisha would not understand what a fellowship was, and in the rare moment that Aisha looked intimidated, Ifemelu felt a perverse pleasure. Yes, Princeton. (ADICHIE, 2013, p. 19-20).

Tipo um zigue-zague com uma divisão bem aqui deste lado, mas não coloca o cabelo no começo, coloca quando começar o rabo de cavalo’, disse, falando devagar e enunciando bem cada palavra. ‘Entendeu?’, perguntou, parecendo já convencida de que Mariama não havia entendido. (ADICHIE, 2014, p. 159, tradução nossa).⁴

Além disso, a cliente demonstra hostilidade com alguns costumes que ela considera “tribais”, como quando em outro salão a cabeleireira utilizava um método que envolvia queimar as pontas das tranças e a cliente a considerou louca. Se fizéssemos um exercício de substituição da cabeleireira que sugeriu queimar as pontas do cabelo da cliente afro-americana por uma colega – ou mesmo outra cabeleireira – também afro-americana, podemos imaginar que a reação da mulher seria outra, pois ela não encararia o método de finalização das tranças como um costume tribal, apenas como uma novidade para melhora de seus cabelos.

Ao mesmo tempo em que a cliente inferioriza Mariama, Ifemelu parece se sentir superior à nova cliente do salão, a observando de sua posição de acadêmica e tomando notas mentais de suas maneiras, sua forma de se vestir, suas gírias e seu comportamento, supondo que a mulher afro-americana não tem o mesmo nível escolar que ela.

Já a relação de Ifemelu com outras mulheres com a mesma formação acadêmica que ela não é descrita no salão de beleza, mas em reuniões casuais que ela tem com colegas intelectuais afro-americanos em sua maioria. Durante todo o tempo, podemos notar que as mulheres negras afro-americanas, apesar de levarem em consideração as ideias de Ifemelu, a veem como de outra categoria, como um ser exótico com opiniões fortes que venceu a pobreza do terceiro mundo para obter a única educação que deve ser levada a sério, a ocidental. Ifemelu conhece Shan, irmã de seu namorado, nessas reuniões, e se sente imediatamente inferior.

Shan estava de frente para ela agora, com os braços esticados para trás como se fossem asas.

‘Os nigerianos nos chamam de *acata*, não é? Isso significa animal selvagem?’

‘Não tenho certeza se significa animal selvagem. Na realidade, não sei o que significa e não uso essa palavra.’ Ifemelu percebeu que estava quase gaguejando. O que disse era verdade, mas sob o olhar direto de

⁴ *‘Like a zigzag with a parting at the side right here, but you don’t add the hair at the beginning, you add it when you get to the ponytail,’ she said, speaking slowly, overenunciating. ‘You understand me?’ she added, already convinced, it seemed, that Mariama did not.* (ADICHIE, 2013, p. 229).

Shan, sentiu-se culpada. Ela transbordava poder, um poder sutil e devastador. (ADICHIE, 2014, p. 270, tradução nossa).⁵

Shan se coloca em posição intimidadora, inquisidora, e, ao atentar para a relação das duas, nota-se que Ifemelu se sente inferior justamente por ser vista como exótica pela outra, como quando Shan afirma: "Acho que é porque você é exótica, tem essa coisa de ser uma africana autêntica" (ADICHIE, 2013, p. 397, tradução nossa).⁶ Essa colocação, feita quando Ifemelu diz que geralmente recebe mais atenção de homens brancos do que de homens negros, mostra que Shan sempre vê a africana como qualquer coisa diferente do que ela é.

Ao longo do romance Ifemelu se vê diversas vezes em situações em que deve provar o seu valor, se adaptando à cultura ocidental e por vezes se afastando de suas raízes africanas. Mesmo quando ela decide abraçar seus costumes e sua aparência natural, ela enfrenta o questionamento de brancos e negros submetidos aos parâmetros brancos, e, enquanto luta contra a imposição da cultura dominante, se pergunta intimamente se deveria aceitar passar por tudo isso em busca de uma educação ocidental.

Considerações finais

Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo [...] e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar. (Ou, como dizem aqueles versos maravilhosos: 'Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa!'.)

Chimamanda Ngozi Adichie; *Americanah*

Após a análise do romance de Adichie, podemos concluir que de fato há uma subdivisão de classes, em um contexto já dividido que coloca a mulher negra como subalterna. A mulher negra já tem voz, desde que ela não se encaixe em mais de três das categorias expostas neste artigo. Chimamanda Ngozi Adichie é, ela mesma, um

⁵ *Shan was facing her now, her arms stretched out and pushed back like wings.*

'Nigerians call us acata, right? And it means wild animal?'

'I don't know that it means wild animal, I really don't know what it means, and I don't use it.' Ifemelu found herself almost stammering. It was true and yet in the directness of Shan's gaze, she felt guilty. Shan dripped power, a subtle and devastating kind. (ADICHIE, 2013, p. 395).

⁶ *"I guess it's your exotic credential, that whole Authentic African thing."*

emblema de um nível de subalternidade que se projeta como voz internacional com certo poder de intervir na realidade opressora das mulheres – principalmente, as negras – nas diversas sociedades ao redor do mundo. Entretanto, a marca da subalternidade sempre paira sobre as opiniões expressadas por essas mulheres, que lutam todos os dias por reconhecimento na mesma proporção que os ocupantes dos grupos hegemônicos.

Ifemelu, enquanto negra africana e representante do segundo nível da lista sistematizada neste trabalho, garante que suas opiniões sejam levadas em conta, e dispõe de sua experiência como imigrante nos EUA para se colocar na condição de observadora das organizações sociais do país. Em tempo, atentamos para o fato de que a discussão da imigração está em alta na atualidade internacional, onde chegamos ao ponto de caracterizar o Mar Mediterrâneo como um cemitério de imigrantes que tentam alcançar a Europa em busca de melhores oportunidade e o fazem viajando em barcos com segurança mínima, arriscando suas vidas. Em uma realidade onde a União Europeia opta por abordagens insensíveis de prevenção da imigração em detrimento da segurança dos seres humanos que seguem as rotas inseguras para seu continente, é de extrema importância que uma obra que busca dar voz para os imigrantes seja evidenciada.

E os apontamentos de *Americanah* quanto ao lugar do negro, e da negra, enquanto subalternos também condizem com o cenário internacional atual, quando nos lembramos dos conflitos raciais que tomam conta dos EUA, em que a guerra entre polícia e comunidade negra ganha proporções cada vez maiores, à medida que os que foram silenciados por tantos séculos se veem sem outra opção que não se rebelar contra o sistema. Sistema esse que sempre mostrou inclinação para a opressão das minorias. Agora protestantes vão às ruas de cidades como Baltimore, em Maryland, e Ferguson, no Missouri, para exigir que suas vozes sejam ouvidas. Que as minorias parem de ser perseguidas, que os jovens negros parem de ser agredidos, que parem de se encaixar em perfis de procurados, unicamente pela cor de suas peles. E suas reivindicações são o que consideramos o direito básico do ser humano ao respeito e ao tratamento igual independentemente de etnia ou classe social. Nesse sentido, Adichie dá um passo a frente ao publicar um romance preocupado em representar o negro, e principalmente a negra, e esses personagens ocupam nas organizações sociais do século XXI, enquanto indivíduos subalternizados.

Ifemelu é *Americanah*. É aquela que se arriscou além-mar, obteve sua formação nos EUA e voltou com tantos costumes e perspectivas diferentes. Teve acesso ao

melhor e ao pior da cultura norte-americana. Pôde desenvolver sua visão crítica na condição de *outsider*, observar de que forma as relações se dão e compartilhar suas observações quanto à negritude e o peso que a cor da pele carrega com pessoas que se encontravam em situação parecida. E volta para sua pátria com a bagagem que acumulou ao longo de anos vivendo em meio a uma cultura que se impõe como absoluta, minimizando qualquer tentativa de diversidade proposta pelas minorias.

Referências

ABOUT CHIMAMANDA. Chimamanda Ngozi Adichie Official Website. 2007-2015. Disponível em: <<http://chimamanda.com/about-chimamanda/>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah.** First edition. New York: Alfred A. Knopf, 2013.

_____. **Americanah.** Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras. 2014.

CARVALHO, Isaías Francisco de. Subalternidade e a “Alminha Brasileira”. **Interdisciplinar**, Ano 5, v. 10, p. 125-132, jan.-jun. 2010.

CHAKRABARTY, Dipesh. Subaltern studies and postcolonial historiography. **Nepantla: views from South**, vol.1, n.1, p. 9-32, 2000. Disponível em: <<https://libcom.org/files/subaltern.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

FANON, Frantz. **Black skin, white masks.** Tradução do francês de Charles Lam Markmann. New York: Grove Weidenfeld, 1967.

_____. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: **Colonial discourse and post-colonial theory: a reader.** Edited and introduced by Patrick Williams and Laura Chrisman. New York: Columbia University Press, 1994. p. 66-111.